

Imagens de Deus na história da Igreja e sua relevância atual

Sidney H. Rooy (1)

A Igreja cristã tem atravessado no decurso da sua história um limitado número de situações características que, com algumas variantes, se repetem periodicamente. Nelas a Igreja tem adotado certas atitudes que, por causa da sua aparição periódica, podem ser consideradas como dimensões permanentes da Igreja. São padrões de comportamento que podemos observar, em determinadas circunstâncias, inclusive na Igreja dos nossos dias. Daí porque os episódios em que esses padrões começaram a se manifestar resultem relevantes para a atualidade.

Observamos também que a cada situação corresponde uma certa compreensão de Deus, uma imagem particularmente acentuada naquela situação. Todas essas imagens podem ser verdadeiras e bíblicas, mas a seleção é feita em cada caso segundo as exigências do momento histórico. Uma semelhante seleção é necessariamente parcial e não reflete adequadamente a plenitude do ser de Deus. Quando uma imagem de Deus é acentuada com exclusão de outras, ela mesma produz uma sombra que obscurece aquela plenitude. Por sombra entendemos uma interpretação parcial, uma imagem distorcida ou pervertida de Deus. Antes de passarmos para a caracterização de algumas situações padronizadas na história da Igreja, queremos ainda fazer constar que a Bíblia nos apresenta uma profusão de imagens de Deus. Deus se revela em cada situação de acordo com as necessidades do homem que o invoca. E todos os homens devem ser “embaixadores” (2 Co 5, 20) de quem assim se lhes revelou.

1. Quando a Igreja é **perseguida**, ela se conscientiza da sua fraqueza como instituição, da inconstância de muitos dos seus membros, da insignificância dos seus recursos humanos. Ao mesmo tempo ela confia em Deus, que é poderoso para preservá-la através das perseguições, e um dia a libertará de todo o mal. Por outra parte, esse Deus parece estar presenciando passivamente o sofrimento dos seus eleitos. Ele não inspira as transformações que poderiam criar uma nova situação. Daí porque a imagem que corresponde à Igreja perseguida é a de um Deus poderoso, e a sua sombra é a de um Deus conformista.

2. Bem diferente é a situação da Igreja **triunfante**. Ela já deixou as tribulações atrás, confia no futuro e sabe que ela deve a sua vitória à ajuda de Deus. Cultiva a imagem do Deus vencedor. Mas a sua confiança também pode induzi-la a abrir um caminho

(1) O presente artigo foi elaborado por Klaus van der Grijp na base de uma exposição oral e anotações do Dr. Rooy.

pela força. O desejo de impor sua vontade ao meio ambiente pode perverter a referida imagem, projetando a sombra de um **Deus conquistador**.

3. Quando a Igreja é confrontada com uma cultura superior, produtora de imponentes sistemas filosóficos, já a simples necessidade da comunicação exigirá que ela adapte sua imagem de Deus às pressuposições metafísicas daqueles sistemas. Isso é o que aconteceu quando a escolástica medieval incorporou noções de Platão e Aristóteles. A **Igreja aculturada** corresponde um **Deus ontológico**, o qual, porém, pouco significa no dia-a-dia da história humana. Carecendo da dinâmica que é própria do Deus da Bíblia, Ele se converte facilmente num **Deus estático**.

4. Contra diversos tipos de abusos na Igreja é invocada a autoridade dos apóstolos e exigida uma volta às origens. Na impossibilidade de conseguir com tais protestos uma transformação integral, às vezes uma parte da Igreja se torna independente, e nasce o tipo da **Igreja-seita**. A seita pretende reavivar o cristianismo na sua pureza primitiva. Sua imagem de Deus é basicamente a do **Deus restaurador**. Mas pode acontecer que o modelo apostólico se impõe verticalmente e sem nexos orgânicos com as necessidades do momento. Então falta a essa Igreja a experiência da libertação, e ela projeta a sombra de um **Deus legalista**.

5. Pode acontecer que no seio da Igreja surge um questionamento com respeito ao sentido da sua existência histórica. As suas instituições, tanto quanto formam parte deste mundo, são encaradas como passageiras, acidentais, meramente exteriores. Observa-se então uma ânsia de interiorização para descobrir a essência das coisas, para adivinhar-lhes o mistério por intuição. Surge o tipo da **Igreja contemplativa**, e o seu Deus é o **Deus místico**, do qual o homem se aproxima em recolhimento silencioso. Essa imagem de Deus tem um indubitável fundo bíblico, mas facilmente se corrompe quando é cortado o vínculo entre Deus e a realidade histórica. A sombra da mística é o **Deus a-histórico**.

6. Outro traço permanente na história da Igreja é o desejo de formular o conteúdo da fé em termos unívocos, de modo a proteger a Igreja contra a contaminação de doutrinas falsas. Deus, o mundo, o homem, o plano de salvação e a própria Igreja com seus atributos são vertidos nos moldes de uma definição racional. Esta definição geralmente é fruto de maduras reflexões, e não poucas vezes de acaloradas lutas teológicas. Ela tem a pretensão de estar em estrita concordância com a revelação bíblica. Mas quando a **Igreja ortodoxa** cultiva assim a imagem do **Deus racional**, ela esquece que Deus se subtrai ao controle das definições humanas. Erradamente ela encerra Deus nos limites da compreensão natural. Daí porque a sombra da ortodoxia é o **Deus naturalizado**.

7. A Igreja que está sofrendo o impacto do mundo moderno vai perdendo as suas certezas tradicionais uma após outra. Ela

sabe que precisa renovar-se em tudo, mas não sabe onde começar nem para onde ir. É a Igreja em crise. O seu Deus quebrou as limitações naturalizantes da ortodoxia; Ele passou a ser de novo o Deus transcendente. Ele está lá, mas ninguém sabe como. Esta imagem de Deus, por mais bíblica que seja, é distorcida quando a Igreja não enxerga mais que o Deus transcendente se dá a conhecer em Jesus Cristo, em cujo nome Ele quer ser invocado como Pai. Então a crise da Igreja projeta a sombra do Deus anônimo.

As lições do passado, resumidas nas caracterizações acima, nos induzem a formular algumas teses de ordem geral. Distinguimos três teses preliminares e uma principal.

(1) Uma palavra não é senão um fraco símbolo da realidade que ela representa. O homem se refere à realidade por meio da palavra, da qualificação, do nome. Mas a realidade escapa a essa referência verbal. É o que acontece sempre com palavras: o mais complexo é a realidade, o mais limitado é o símbolo. (2) O que acabamos de dizer vale a fortiori da realidade que é Deus. Deus desafia e ultrapassa toda tentativa humana de captar sua riqueza. (3) A história da Igreja cristã, no seu encontro com o mundo, aprofunda e enriquece os conceitos sobre Deus. Revela novas dimensões da realidade de Deus, sem negar a validade do que foi previamente recebido.

A nossa tese principal é que o posicionamento histórico e social do povo de Deus determina a dimensão ou as dimensões da realidade de Deus que o povo descobre e acentua. Por isso cada crise histórica, que a Igreja enfrenta, a desafia a crescer na sua compreensão de Deus. Cada crise exige dela a disposição de (1) decifrar os passos de Deus no momento presente; (2) corrigir os mal-entendidos do passado; (3) comprometer-se para viver a realidade de Deus na totalidade da sua existência. Só assim a Igreja poderá viver plenamente o "hoje" de Deus. Ela será Igreja "reformada", e sempre em vias de reforma.